

PATRIMÔNIO EMANCIPATÓRIO NO TERRITÓRIO NEGRO: O QUILOMBO URBANO ALTO SANTANA – CIDADE DE GOIÁS-GO

Emancipatory heritage in the black territory: the Urban Quilombo Alto Santana – City of Goiás/GO

Sinara Carvalho de Sá¹

RESUMO

Este estudo em andamento tem como objetivo analisar o processo de patrimonialização ocorrido na Cidade de Goiás/GO, em 2001. Compreender esse processo revela os enfrentamentos e as resistências das comunidades negras e quilombolas da cidade. O Quilombo Urbano Alto Santana é o que evidenciamos como patrimônio-território. Entre outros aportes, desejo geo-historicizar os processos dinâmicos de resistência negra/quilombola na luta pela valorização identitária, buscando destacar os silenciamentos e o apagamento das perspectivas afrodiaspóricas no entendimento que se produz sobre a cidade. A partir de uma abordagem contracolonial de Nego Bispo, pretendo indicar caminhos que possibilitem o reconhecimento e a salvaguarda de saberes e fazeres dessa comunidade.

Palavras-chave: Quilombo Alto Santana; patrimônio; território.

INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás/GO, ladeada por Serra Dourada e envolta pelo Parque Estadual da Serra Dourada, segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE, 2022), possui população de 24.071 pessoas. Entre essas pessoas, eu, mulher preta, quilombola e pesquisadora da universidade pública brasileira. Minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília é sobre o Quilombo Urbano Alto Santana e as dinâmicas populacionais de um território afrodiaspórico em uma cidade colonial no interior do estado de Goiás.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2001, concederam o título de Patrimônio Mundial à Cidade de Goiás, por conta do conjunto arquitetônico e urbanístico do seu centro histórico e, também, por sua paisagem natural, composta por morros e serras, com a singular vegetação do Cerrado. O município faz parte da Mesorregião do Noroeste Goiano e da Microrregião do Rio Vermelho e compõe o bioma Cerrado brasileiro. Em 2021, segundo dados do IBGE, tinha área de 3.108,019 km² (IBGE, 2021).

O reconhecimento de parte do centro urbano do município como Patrimônio Mundial ocorreu devido à sua história de formação e de fundação, nos séculos XVIII e XIX, e por conservar a arquitetura colonial, assim como o cenário paisagístico e ambiental. Tal condição elevou os diversos setores da cidade a um relevante desenvolvimento do potencial turístico para a economia local. Nesse contexto de heranças coloniais, processos de aquilombamento,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEA) da Universidade de Brasília (UnB) – carvalhosinarasa@gmail.com.

representações socioculturais e patrimonialização é que propus a presente investigação, movida pelo anseio de geo-historicizar esse processo, procuro compreender e interpretar as complexidades das dinâmicas socioterritoriais. De acordo com Anjos (2009), “a Geografia é ciência do território, e este continua sendo o melhor instrumento de observação”.

Um estudo realizado pela Fundação Cultural Palmares considerou que havia um quilombo a apenas 3 km do centro histórico da cidade, onde residiam, à época, cerca de 700 quilombolas, em uma área de 5 km de extensão. Aos pés do Morro das Lajes², no Caminho de Cora³, ergueu-se o Quilombo Urbano Alto Santana (Mata, 2018).

O Quilombo Alto Santana, embora esteja situado próximo ao perímetro patrimonializado, é deixado às margens quanto às políticas públicas de preservação⁴. Por essa razão, o objetivo principal desta pesquisa é analisar como a patrimonialização do centro histórico da Cidade de Goiás tem acentuado o processo de marginalização/periferização em uma tentativa de apagamento da comunidade do Quilombo Urbano Alto Santana, tendendo a despotencializar o patrimônio desse território de exceção⁵.

Para a discussão sobre quilombo, proponho dialogar com referenciais teóricos à luz do pensamento de Beatriz Nascimento (2008); Abdias Nascimento (2019); Nêgo Bispo (Brena O’Dwyer) (1995); Leite (2000); Anjos (2009), entre outros.

Com este estudo, pretendo analisar e caracterizar o percurso do processo formação, de resistência e de reconhecimento do Quilombo Alto Santana, na Cidade de Goiás, além de descrever o processo que culminou no tombamento do centro da cidade e no consequente desenvolvimento turístico dela, relacionando-o com a percepção dos moradores do Quilombo Alto Santana sobre a patrimonialização da Cidade de Goiás.

METODOLOGIA

Neste projeto de pesquisa já em andamento, utilizo estratégia baseada em revisão de literatura abrangente. A fase inicial compreendeu a análise de artigos, livros, dissertações e teses, além de pesquisa documental em cartas patrimoniais, declarações e outros documentos

² O Morro das Lajes, território do Quilombo Alto Santana, também faz parte do Parque Estadual da Serra Dourada.

³ De acordo com o *site* do Caminho de Cora Coralina, trata-se de uma “Trilha de longo curso que liga 8 cidades goianas. São 300 km de cultura, poesia, aventura e natureza, que cruza as cidades de Corumbá de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguari, Itaberaí e Cidade de Goiás. Interliga os municípios, povoados, fazendas e atrativos, passando por antigos caminhos, numa rota turística para Caminhantes e Ciclistas”. É gerido pela “Associação Caminho de Cora Coralina – ACCC, que é uma sociedade civil de natureza privada, sem fins lucrativos, com sede em São Francisco de Goiás, fundada em 28 de março de 2019” (Caminho de Cora Coralina, 2025).

⁴ Assim como em outros momentos históricos da cidade, o Quilombo Alto Santana foi deixado de lado em políticas públicas básicas, como alimentação e segurança alimentar de uma população afrodiaspórica marginalizada e, em alguns momentos, até criminalizada por um sistema de exploração com heranças coloniais eurocêntricas que favoreceu e, ainda, favorece uma elite patriarcal e matriarcal, que dita a “moral” e os “bons costumes”.

⁵ Embora os recursos naturais e patrimoniais materiais e imateriais desse território tenham sido contabilizados na busca pelo título de Patrimônio Mundial, não existe o mesmo cuidado das instituições e da sociedade para com esse território. Ressalto que a população preta e quilombola da Cidade de Goiás descende do povo preto escravizado que teve sua força de trabalho, liberdade e humanidade surripiadas para atender às necessidades de patrimônio branco e elitizado.

de importância, como leis, dossiês, relatórios, notícias em jornais e revistas, vídeos e fotografias, e, ainda, estudos e pesquisas sobre a comunidade negra e seus territórios.

Para a execução da pesquisa, estou realizando entrevistas, valendo-me do recurso da história oral, construindo subsídios analíticos com base nas narrativas dos agentes sociais, possibilitando visibilidade às vivências, aos aspectos socioculturais que balizam a formação identitária da comunidade negra local, utilizando o método de “história de vida”, conforme discutido por autores como Thompson (1989) e Meihy (1996). Minha condição de pesquisadora residente no município onde se localiza a comunidade quilombola tem sido um diferencial, pois facilita o acesso e a construção de vínculos de confiança, pontos essenciais para compreender o processo de territorialização e a construção da identidade social dos sujeitos. Além das entrevistas, estou utilizando análise de diário de campo, questionários e observações sistemáticas.

Essa variedade metodológica possibilita maior flexibilidade na coleta de dados e valoriza a riqueza da oralidade presente na comunidade. Por fim, como eixos de análise, elegi os seguintes temas: historiografia, patrimônio, patrimonialização, quilombo, território e direito ao território, com foco na Cidade de Goiás. Essa abordagem tem permitido a exploração abrangente das interações entre esses elementos, enriquecendo a compreensão da realidade quilombola atual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da minha trajetória nesta pesquisa, constatei que os territórios – particularmente o do Quilombo Alto Santana – não são apenas uma demarcação geográfica ou uma definição fixa de espaço, mas uma construção social, política e simbólica, atravessada por relações de poder e pelos sentidos que os sujeitos que dele se apropriam conferem ao território-patrimônio. Partilho da afirmação de Santos (1996) de que o território não é mera dimensão física, mas espaço vivido, este que salvaguarda afetos, memórias, disputas e resistências. Quando volto o meu olhar para o objeto da minha pesquisa, percebo que o processo de patrimonialização do centro histórico da Cidade de Goiás – esse processo que se inicia em Goiás com a titulação da área como patrimônio – direciona suas ações e suas narrativas predominantemente ao centro da cidade, aos modos de vida das elites que ali vivem, silenciando, invisibilizando os territórios do bordado, da periferia e das comunidades como o quilombo. Essa opção não é neutra, ela torna visível aqui uma política de valorização da memória e do espaço da branquitude.

Os resultados da pesquisa demonstram que a maior parte das políticas públicas adentra o território de forma verticalizada e pouco dialoga com a realidade vivida pelas pessoas negras daquela comunidade afrodiaspórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este percurso de investigação, inspirada pela inquietação sobre como os territórios periféricos e historicamente marginalizados são invisibilizados pelas políticas de patrimonialização, direcionei meu olhar para o Quilombo Alto Santana, no sentido de apreendê-lo para além das estatísticas e das cartografias oficiais. Desde o início, procurei ouvir

e observar o território como uma construção viva, social, política e simbólica, marcada pelas vivências cotidianas, memórias coletivas e resistência do povo preto.

A pesquisa já demonstrou que o processo de patrimonialização do centro histórico da Cidade de Goiás, embora carregado por um discurso de preservação cultural, tem servido majoritariamente à construção de uma memória seletiva, própria das elites urbanas e dos centros urbanos. Os modos de vida, saberes e fazeres das comunidades localizadas no entorno, como o Quilombo Alto Santana, permanecem à margem desses processos, confirmando uma lógica excludente que relaciona patrimônio a poder e a centralidade.

Como demonstrado na minha análise, as políticas públicas que deveriam dialogar com os territórios se impõem, na maioria das vezes, de maneira verticalizada, sem levar em consideração as especificidades locais. Isso reforça a multiterritorialidade descrita por Haesbaert (2004), na qual diferentes lógicas existem e reexistem, gerando tensões e partindo da territorialidade oficial e da vivida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara:** laudo antropológico. Brasília, DF: MME/MDA/MDS, 2006.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos** – geografia africana, cartografia étnica, territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.
- ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **“Quilombo urbano”, Liberdade, Camboa e fé em Deus:** identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão. São Luís, 2017.
- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937.
- Etnográfica IV (2), p. 333-354, 2000.
- IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Censo Brasileiro de 2022.
- IPHAN. **Patrimônio Imaterial.** IPHAN, 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 17 maio. 2024.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** questões conceituais e normativas.
- MALA de aventuras. **Conheça o Caminho de Cora Coralina.** Porto Alegre: L&PM, 2022.
- MATA, Elenízia. **Entre o jurídico e o sociológico:** território quilombola e identidade étnica em Goiás, 2009.
- MATA, Elenízia. **Relatório Antropológico e Histórico da Comunidade Alto Santana**, 2018.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.



MENDONÇA, Diego Pinto de. **Caminho de Cora Coralina em Goiás**: significados, usos e relações sociais. 2021. 166 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2021.

MENESES, Ulpiano Bezerra. **Patrimônio industrial e política cultural**. In: Seminário Nacional de História e Energia, 1. *Anais* [...]. São Paulo, 1986.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucite, 1993.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. Documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. *Diáspora Africana: Filhos da África*, 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**. Modos e significados. UnB: Brasília, 2015.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**: entrevistas. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

TAMASO, Izabela. **Os patrimônios como sistemas patrimoniais e culturais**: notas etnográficas sobre o caso da cidade de Goiás. In: *Revista Antropológicas*. 2015.